

## **GÊNERO E ARTESANATO NA COMUNIDADE TRADICIONAL SÃO PAULO DE VALÉRIA, AMAZONAS:** fazendo da arte a tessitura de uma nova vida.

Naia Maria Guerreiro Dias<sup>1</sup>  
Iraildes Caldas Torres<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo versa sobre o trabalho das mulheres artesãs da comunidade tradicional São Paulo de Valéria, zona rural do município de Parintins, Amazonas. O trabalho artesanal tem se destacado como uma alternativa de renda paralela à pesca, agricultura de subsistência ou atividade agropecuária. Nessa atividade participam mulheres e homens cada um seguindo as especificidades de artesanatos, correspondente a divisão sexual do trabalho. Para obtenção dos dados foi realizado entrevistas através de grupos focais com mulheres artesãs associadas ou não à Associação dos Artesãos locais - ARTESAMPA, com o objetivo de identificar suas práticas socioculturais e apresentar a perspectiva que elas têm acerca de seu trabalho. Destaca-se o protagonismo das mulheres artesãs em meio a um universo de caris androcêntrico, problematizando o modo que elas encontraram para driblar o patriarcado por meio de seu ofício ancestral – o artesanato, fazendo-se atuantes nesse contexto rural do Baixo Amazonas. Os dados foram analisados a partir dos pressupostos teóricos do estudo das relações de gênero e trabalho na Amazônia.

**Palavras-chave:** Artesãs da Amazônia. Relações de gênero. Ancestralidade. Trabalho Artesanal.

### ***Recorte Histórico da Comunidade Tradicional São Paulo de Valéria, Parintins-Amazonas***

São Paulo é uma comunidade tradicional pertencente à Região de Valéria, zona rural do município de Parintins-Amazonas, chamada também pelos moradores locais de

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas-FAPEAM

<sup>2</sup> Pós Doutora em Antropologia Social pela Université Lumière Lyon2- França/ Professora da Universidade Federal do Amazonas – UFAM/ Coordenadora do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM.

“Boca”. Está assentada no sítio arqueológico de terra preta de índio catalogado por Hilbert e Hilbert em 1975, os quais o identificaram como AM-PT-02.

Por toda a extensão do sítio arqueológico da região de Valéria/AM encontram-se diversas vasilhas e fragmentos cerâmicos – vasos, machado de pedra em pequena quantidade e muiraquitãs – os quais estão associados à arqueologia *konduri* (HILBERT e HILBERT, 1975; LIMA et al., 2013). Porém, a falta de documentos históricos sobre a ocupação da área de Valéria dificulta estipular com precisão quais foram os grupos indígenas que ocuparam a região em períodos diversos.

Na literatura sobre a região de Valéria, não há confirmação eficiente sobre povos que legaram os vestígios, o que contribui para hipóteses relacionadas à presença de índios Aratu, Apoicuitara, Godui, Yara e Curiató – que posteriormente foram subjugados pelos Tupinambás (CERQUA, 2009, SILVA *et al.*, 2009).

Sabe-se até o momento que artefatos arqueológicos afloram por toda a área da Valéria, indicando que foi ocupada por um grande número de habitantes e que faz parte de sua cultura local. Isso sugere que a cada momento da ocupação territorial as pessoas tendem a apresentar determinada relação com o ambiente em função de seu modo de vida e seus aspectos socioculturais.

O morador Heraldo, acredita que “aqui nessas terras devem ter morado muitos índios porque o que a gente acha aqui é muita coisa, muito dessas vasilhas que os antigos moradores faziam [se acha]. Agora, quem eram eles? Ainda não sei ao certo, mas deixaram seu legado pra gente, principalmente na arte” (Artesão, morador de São Paulo, entrevista, realizada em abril 2016).

O conteúdo expresso na fala do artesão sobre o legado, que no caso é a produção artesanal, indica que há uma relação de pertencimento com o sítio, apesar da lacuna sobre os primeiros habitantes da região. Isso leva a crer que estes elementos são formadores de uma identidade coletiva e socioterritorial da comunidade, sendo a partir dela que as relações vão se estabelecendo nesse espaço e os indivíduos vão atribuindo significados às coisas.

Sobre o processo de consolidação da Comunidade São Paulo consta no livro de Ata de reuniões Comunitárias nº001, folha nº 02, que a mesma foi fundada em 1972, composta por 18 famílias, que se reuniram para legitimar o lugar que estavam vivendo a alguns anos, chamado por eles de núcleo. O processo de organização da comunidade

perpassou por diferentes etapas, como i) a busca pelo reconhecimento, ii) o sentimento de pertencimento e iii) a formação identitária. Além disso, o papel social dos indivíduos envolvidos em grupos religiosos como a catequese, a congregação mariana, os ministérios e outros atrelados ao anseio coletivo impulsionaram a criação da comunidade.

O processo de institucionalização da comunidade foi gradativo. Mas o fator preponderante foi a ação coletiva das famílias que ali se fixaram e passaram a ter com o socioambiente diferentes relações, vindo a construir representações sociais que, segundo Moscovici (2003), passam a expressar a relação que o sujeito tem com o mundo que ele conhece e ao mesmo tempo elas o situam nesse mundo, expressando o seu valor simbólico.

Atualmente, residem na comunidade 38 famílias, moradoras de casas construídas de madeira e assoalho devido ao fenômeno da enchente e vazante – já que a comunidade foi assentada na base da serra, onde a terra é de várzea. Tem uma igreja católica, uma escola construída em alvenaria, que ficam na área mais alta. Tem um barracão de madeira que eles denominam de Centro Social, o qual serve para fazer reuniões comunitárias, recepcionar visitantes no local, realizar os encontros da Associação de Artesãos (ARTESAMPA), a qual foi fundada em 2003 por um grupo de mulheres que se organizaram no intuito de legitimar seu ofício, entre outras atividades que os comunitários desenvolvem ao longo do ano.

A compreensão acerca da maneira como moradores se organizam nos aspectos político, religioso, econômico, cultural e educacional permitiu a visualização de mecanismos utilizados cotidianamente. A comunidade segue princípios ou regras que possibilitam a vida em coletividade e sendo São Paulo uma comunidade católica seus habitantes seguem normas sociais expressas e definidas pela Prelazia em um Estatuto, no qual segundo Cerqua (2009, p. 154), está definido que “[...] a comunidade é orientada pela paróquia e é dirigida por uma diretoria, composta de presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro, cujo pleito tem a duração de dois anos”. Isso demonstra que o modo de vida local segue parâmetros em comum acordo com a coletividade religiosa, tendo representação que responde a interesses não apenas de comunitários.

A questão administrativa da comunidade é tratada nesse âmbito e o presidente atua em todas as esferas, religiosas, econômicas, sociais, educacionais etc. O engajamento tem sido fundamental para a obtenção de melhorias para o local, e os

reflexos disso se dão no cotidiano dos moradores de São Paulo/AM, onde são realizadas atividades diversificadas, como por exemplo: a pesca, caça, agricultura, pecuária, a produção artesanal e o turismo sazonal.

A atividade turística local, apesar de sazonal, tem concorrido para que moradores se dediquem a produzir diversas peças artesanais, e para dar ênfase ao sítio em que residem, as mulheres realizam oficina de produção de réplicas de peças arqueológicas encontradas no local, as quais são aceitas e vendidas a turistas, sejam nacionais ou internacionais.

### ***Mulheres artesãs e divisão sexual do trabalho artesanal em São Paulo de Valéria, Amazonas***

O artesanato é uma atividade econômica e cultural que vem se apresentando com muita força nesses tempos de globalização, demarcando as especificidades e características de cada lugar. Para Cancline (1983, p. 51) “o artesanato, elemento da cultura material, apresenta-se como uma complexa composição, abrangendo uma multiplicidade de fenômenos sociais que traduzem uma apropriação desigual, real e simbólica da história vivenciada e construída por um povo.”

No Brasil, por exemplo, a arte e a cultura tem grandes influências dos povos nativos e colonizadores, em que pese que seus produtos artesanais estão sempre evidenciando essa diversidade cultural e apesar do crescimento industrial, o trabalho manual se faz presente.

Embasado nos pressupostos elaborados pelo Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, sobre as Bases Conceituais do artesanato brasileiro entende-se artesanato como: “toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural [...]” (BRASIL, 2012, p. 12).

O trabalho na produção de artesanato é uma prática que vem sendo passado de geração a geração, onde avós e pais vão ensinando aos mais novos o ofício de tecer,

tear, esculpir, bordar, enfim os saberes e fazeres que lhes conferem tamanha singularidade. E nesse universo participam tanto homens como mulheres que ao longo do processo histórico vêm produzindo artesanatos de diferentes maneiras e expressões culturais.

Compreende-se por cultura os sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes; modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido a existência individual e coletiva. Para Geertz (1989, p.4), a cultura é “essencialmente semiótica, é interpretativa”, é uma teia de significados, ou seja, é uma tecedura. Tecedura de sentido semelhante à de Max Weber em que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu.

Nossa questão investigativa partiu das seguintes indagações: i) As mulheres artesãs de Valéria encontraram na arte uma nova tessitura para sua vida?; ii) O seu ofício de artesã impulsionou a protagonismo feminino nesse contexto rural?; iii) Em que medida a arte tem contribuído para ressignificar suas vidas?

Os dados obtidos na pesquisa de campo, apontam que as mulheres artesãs associam seus afazeres domésticos com a produção artesanal diversificada, voltada para a aquisição de um meio de subsistência. Dentre os perfis de artesãs encontram-se as tecelãs, rendeiras, ceramistas, costureiras, as quais produzem artesanatos para diferentes formas de uso, podem ser para decoração, adornos, acessórios, lúdico, para cozinha ou serviços domésticos etc.

Nessa localidade, o artesanato é uma atividade que tanto homens quanto mulheres trabalham, orientados por critérios correspondente a divisão sexual do trabalho. Kergoat (2003, p.55) pondera que: “[...] a forma de divisão do trabalho social é decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade...” O modo pelo qual se define as divisões sexuais do trabalho na Valéria não fogem a essa compreensão, pois a prática de trabalho das pessoas que ali residem não foram definidos pelo biológico, mas historicamente construído acompanhando a dinâmica de cada tempo.

No processo de produção das vasilhas de barro, além da divisão sexual - da qual só as mulheres participam-, há o simbolismo acerca do local, a hora e quem deve estar presente no momento da produção, existe todo um cuidado para que as louças não quebrem ou possam ser bem cozidas. Para Levi-Strauss (1985) a produção artesanal das

vasilhas de cerâmica feita de argila está imbuída de simbolismo e somente a mulher confecciona devido a relação que ela tem com a terra, pois ambas podem gerar a vida.

A esse respeito Torres (2012) pondera que na relação de afetividade entre as mulheres e a argila aparece o simbólico entrelaçado com as relações de gênero. Tanto a terra (argila) quanto a mulher (feminina), são geradoras de vida e responsáveis em parte pelo equilíbrio do planeta (TORRES, 2012).

As mulheres na Valéria fazem diversificados artesanatos, além das louças de barro. Elas aproveitam as sementes de plantas diversas, as palhas, cipó, etc para fazerem colar, pulseira, brincos e até mesmo adereços para ornamentar a casa, a igreja e até as catatumbas de seus entes queridos. Fazem também os materiais para uso no trabalho da mandioca, tece o tipiti, peneira, panela, reaproveitam diversos materiais que seriam descartados ao lixo. Sabem da importância de cuidar do meio ambiente para a geração futura. Em relação ao trabalho artesanal com entalho em madeira são os homens a maioria que executam essa atividade, mas as mulheres também participam na fase do acabamento.

Na entrevista realizada com as artesãs tornou-se possível identificar em suas narrativas diversas versões sobre como seu ofício foi sendo construído. Para dona Chiquinha, a prática de fazer louças de cerâmica foi ensinada por uma das mulheres que deu origem ao nome do lugar, a senhora Valéria, e foi perpassando gerações. Outros tipos de artesanato eram os mais velhos tanto homens quanto mulheres que ensinaram a identificar e selecionar o material a ser utilizado para fazer o tipiti, tupé, peneira, panela, abanador, japá, cestos, o artesanato em madeira etc.

Minha mãe aprendeu com a minha avó a escolher o melhor barro para fazer as vasilhas, a coletar o arumã, o cipó de morta, ou outros tipos de cipó que tem aqui nas matas, nos igapós perto da Valéria para fazer os artesanatos. No início era só para nossa casa, depois, fomos fazendo para outras famílias que encomendavam em troca de serviços no roçado, nos puxiruns, ou até mesmo faziam o pagamento com o produto da roça, como farinha, beiju, a tapioca..."(Dona Chiquinha, 88 anos entrevista/ 2017).

O trabalho com o artesanato expressado na fala da artesã, estava voltado inicialmente para a subsistência da família, mas com o passar tempo seus artesanatos foram ganhando outra dimensão passando a ser utilizado como um produto de troca de serviços realizado através de uma prática comum na zona rural do interior do Estado do Amazonas, que é o puxirum surgindo desse modo uma comercialização dos produtos

realizados em sua maioria por mulheres. Esse comércio não estava atrelado somente ao capital, mas ao aspecto da solidariedade, como relatou dona Chiquinha.

A maior parte dos trabalhos é realizada nos barracões de atividades agrícolas ou nas casas, sendo uma atividade centrada no seio familiar, embora haja alguns artesanatos construídos pelo grupo de artesãos pertencentes a Associação, que sua produção ocorre no centro social com a participação tanto de homens quanto de mulheres artesãs que na maioria são parentes. Note que o masculino, está presente, mas são as mulheres as protagonistas das ações desenvolvidas na esfera pública.

Para Scott (1989), o gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente. Ele é construído igualmente na economia e na organização política. Na região de Valéria apesar dos homens se fazerem presentes, são as mulheres que atuam como sujeitos hábeis na organização tanto da Associação dos Artesãos locais-ARTESAMPA. A qual sempre teve como presidente desde a sua fundação em 2003, uma mulher.

“As relações de gênero são construções sociais, fundada sobre as diferenças percebidas entre os sexos, é uma maneira primária de significar relações de poder” (SCOTT,1988, p. 26 ). Essa relação não é um fenômeno estático, mas interage com as expressões de cada sociedade, tanto na religião, idade, classe social, etc. e, está ligada a identidade sociocultural atribuída a cada sexo, que tende a influenciar o comportamento tanto do homem quanto da mulher.

Compreendida a partir de uma perspectiva histórica e cultural, a categoria de relação de gênero, fundamenta estudos que trazem à tona a dimensão política das relações entre homens e mulheres presentes na vida cotidiana de diferentes contextos e realidades sociais, estando diretamente ligada a relação de poder. E na Valéria/ Amazonas, o estudo das relações de gênero não foge a essa compreensão.

Entende-se poder na perspectiva de Foucault (1979), o qual não parte de uma teoria geral do poder, mas o compreende como relação que se esparrama como teia na vida cotidiana, ninguém está destituído dele, daí a compreensão de uma microfísica do poder. No contexto sociocultural de Valéria, os moradores locais afirmam serem filhos da Valéria! Essa expressão feminina, é carregada de simbolismo, sentimento de pertencimento, valor identitário e também de relação de poder. Acreditam que toda a sua

criatividade e força vem do chão da Valéria, onde a terra é preta, fértil, boa para o plantio e de onde possivelmente nasce a inspiração dos artesãos.

Acredito que recebemos toda essa nossa criatividade de nossos antepassados. A arte está em nós, no nosso sangue, tá aqui no nosso chão. A Valéria é um lugar de gente criativa, alegre, encantadora e isso a gente mostra para quem vier aqui, tanto os estrangeiros como de outros lugares desse nosso Brasil. Nem eu, nem o marido fomos pra escola pra apreender a fazer os artesanatos, aprendemos aqui mesmo no nosso dia a dia, do mesmo modo que aprendemos a lida com a roça e pesca (Maria Raquel, entrevista, maio de 2017).

Na narrativa da moradora percebe-se que para eles a terra preta, é propícia para o plantio de diversos produtos para a sua subsistência. E que o sítio arqueológico, aparece como um indicativo de que seus ancestrais deixaram para eles a arte como uma atividade que os diferenciam das outras comunidades vizinhas.

O convívio com artefatos arqueológicos encontrados no sítio em que a comunidade é assentada, levou um grupo de mulheres ceramistas a fazerem réplicas das vasilhas de barro, incentivadas e orientadas por pesquisadores do IPHAN, da Universidade do Estado do Amazonas e da Universidade Federal do Amazonas, configurando-se em uma das práticas sociais das mulheres de Valéria, reconhecida como uma atividade valorativa, como relata a moradora.

“Nosso trabalho tem sido reconhecido como um trabalho digno, que ajuda não só na alimentação de nossos filhos ou nosso próprio sustento, mas para nós mulheres, o revigoramento do artesanato nos deu mais força, mais união, nossa independência, criamos até a associação de artesãos, que tem como presidente uma mulher, então nossa vida tem sido costurada de outra maneira, bem melhor agora...” ( Margarida Rosa, entrevista 2016).

Podemos inferir que a atividade artesanal atrelada à inserção da atividade de turismo local tem concorrido para que as mulheres pudessem driblar o patriarcado tão fortemente presente em comunidades rurais da Amazônia. Além disso, a força feminina aparece entrelaçada a um ofício que antes ficava restrito ao privado e com o tempo ganhou uma dimensão que conduziu as mulheres a atuarem significativamente na esfera pública rural.

## **Referências**



ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Territórios e Territorialidades específicas na Amazônia: entre a proteção e o protecionismo*. Caderno CRH, Salvador, v. 25, n. 64, p. 63-71, Jan/Abr, 2012.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho? – ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 7. ed. Campinas/SP: Cortez, 2000.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Estratégia de gestão do inventário da oferta turística*. Brasília: Ministério do Turismo, 2012.

CANCLINI, Nestor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo, São Paulo, Brasil: Brasiliense, 1983.

CERQUA, Dom Arcângelo. *Clarões de fé no Médio Amazonas*. 2. ed. Manaus: Prograf, 2009.

CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. *Uma experiência de Pesquisa-ação para Gestão comunitária de tecnologias Apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento de reforma agrária Iporá*. Tese de Doutorado. UNICAMP/CIREC, Campinas, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HILBERT, Peter; HILBERT, Klauss. *Resultados preliminares de pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e trombetas, Baixo Amazonas*.(1975) Traduzido por SIMÕES, Mário. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi 1980.

KERGOAT, Daniele. *Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo*. In: EMÍLIO, Marli; et al (Orgs.). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A oleira ciumenta*. Traduzido por José Antonio Braga Fernandes Dias. Lisboa: Edições 70, 1985.

LIMA, Helena Pinto; MORAES, Bruno Moraes. *Arqueologia e Comunidades Tradicionais na Amazônia*. Ciência e Cultura , v. 2, p. 39-42. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise*. IN: Educação e Realidade, v. 16, n.2, p. 5-22, Porto alegre, 1990.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução de Christine Rufino Dabat e ÁVILA, Maria Betânia. Recife: SOS Corpo, 1991.

STEARNS, Peter N. *História das relações de gênero*. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

TORRES, Iraídes Caldas. *As Novas Amazônidas*. Manaus: Edua, 2005.

TORRES, Iraídes Caldas. *Constituição etnográfica da comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto*. In: TORRES, Iraídes Caldas. (Org.). *O Ethos das mulheres da floresta*. Manaus: Editora Valer/ FAPEAM, 2012.

WAGLEY, Charles. *Uma Comunidade Amazônica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1988.